

Entrevista

ADELAIDE CARRARO: UMA MULHER DE DOIS MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

Wladyr Nader

“Os meus livros são reais, verdadeiros, é a verdade nua e crua. Acho que nem é literatura o que eu escrevo”, diz Adelaide Carraro, paulista de Vinhedo, idade ignorada, mas presumível, orgulhosa de uma marca que poucos autores brasileiros podem ostentar: dois milhões de exemplares vendidos, de 22 livros publicados entre 1963 e 1976.

Mas não é só esse o motivo do orgulho dessa descendente de italianos que já trabalhou com Sílvio Santos e vive pacatamente numa casa alugada por Cr\$ 2.300,00, em Vila Guilherme, São Paulo. Hoje ela se sente uma mulher respeitada, “que teve a coragem de escrever aqui, neste Brasil, em que ninguém lê” e descobrir “um método de fazer com que o povo lesse”, mostrando “o que existe de histórias e problemas sociais, contando a vida deste ou daquele cidadão e os podres escondidos da sociedade.” Economicamente, porém, essa autora, que vendeu mais de 400 mil exemplares só de “Eu e o Governador”, se acha injustiçada: enquanto em 1975 recebia Cr\$ 180 mil de direitos autorais, hoje recebe menos, porque 11 dos seus livros foram proibidos. “São leis”, desabafa Adelaide Carraro. *“Em todo lugar que você vá existe uma lei. Lei de trânsito, lei disso, lei daquilo. Ao menos o pensamento podia ser livre, né?”*

WN – Quem é Adelaide Carraro?

AC – Adelaide Carraro sou eu, uma mulher que teve a coragem de escrever aqui, neste Brasil, em que ninguém lê, e que achou que descobriu um método de fazer com que o povo lesse, que é mostrando a verdade verdadeira, sem subterfúgio, mostrando assim, de cara a cara, o que existe de histórias e problemas sociais, contando a vida deste ou daquele cidadão e os podres escondidos da sociedade. O povo brasileiro não lê, não conhece a sociedade, então a gente mostra a ele o que é a sociedade, desse caso assim de Cabo Frio. Aliás, eu já falei muitas vezes, o Ibrahim Sued me maltratou porque eu disse, na “Falência das Elites” e em outros livros, o que existe lá atrás da cortina, porque geralmente só algumas pessoas brasileiras conseguem ultrapassar essa cortina de seda, de veludo, coberta de ouro. Então eu chego lá, abro a cortina e mostro. Daí sai uma escritora que todo mundo gosta.

WN – Como é que você publicou o primeiro livro? Que é que você fazia na época, tinha um emprego?

AC – Eu era funcionária da Secretária da Saúde.

WN – Em que ano foi isso?

AC – Foi em 63. Eu resolvi escrever o “Eu e o Governador” para mostrar o problema do ex tuberculoso pobre e das pessoas inocentes, das mocinhas que chegavam assim dentro da cidade grande e então eram espezinhadas, maltratadas e iludidas por certas pessoas. E para mostrar também um problema, que era o sexo dentro do Palácio, como existe sexo dentro da Casa Branca. Naquele tempo, diziam que os deputados também tinham força e se consideravam uns reis, né? Agora os coitados estão tudo na pior.

WN – E o segundo livro qual foi?

AC – O meu segundo livro foi “Falência das Elites”, que apreenderam na gráfica, nem tinha capa. Estava pelado e foi apreendido.

WN – Quando foi isso?

AC – 64.

WN – Quer dizer, um ano depois do outro. Como é que é a “Falência das Elites?”

AC – A “Falência das Elites” é o problema da moça que pensa que o negócio é ser badalada, é ser endeusada pela imprensa, pelos cronistas sociais ou pelos programas, assim tipo Miss Brasil, então essas moças são vendidas, elas chegam pensando que é uma coisa mas acabam se prostituindo ou sendo assassinadas, ou ficam doentes, tuberculosas num sanatório, e aí eu contei um caso assim.

WN – De uma pessoa conhecida sua?

AC – De muitas. São diversas estórias de pessoas conhecidas da sociedade brasileira.

WN – Depois você publicou o quê?

AC – “Eu Mataria o Presidente”.

WN – Em que ano?

AC – 64, 65, me esqueci. É um livro sobre o problema social da criança dentro de um asilo do governo, que nesse caso era eu, né? Teve criança do asilo do governo que chegou ao Palácio para brincar com as crianças do governador e então, já com 12, 13 e 14 anos, sentiu a diferença de classes dentro dele (*sic*). Era todo aquele tratamento, aquela coisa diária que engana a criança de pequena, ela cresce dentro de um ambiente cheio de esperança, mas encontra uma enorme barreira para conseguir estudar, pra conseguir ter saúde. É um livro sórdido, é o único que a censura deixou em liberdade, sem mexer com ele.

WN – E os outros?

AC – Prenderam livros meus porque têm sexo. Agora, esse que conta o que sofreram as crianças em asilo do governo, que era o que deviam esconder, deixaram aparecer por todo lado. Eu já escrevi 22 livros, e tenho 11 proibidos.

WN – Você falou que foi parar num asilo do governo, não é verdade? Conte um pouquinho de sua história particular, quem é você, onde nasceu?

AC – Eu nasci na cidade do interior paulista que chama Vinhedo hoje, antigamente chamava Rocinha. Sou filha de italianos, meu pai era italiano, meus avós eram italianos, vieram pro Brasil no tempo que vieram aqueles imigrantes todos, não sei que ano. Meus avós foram embora pro interior, pra roça. Meu pai era roceiro, casou com minha mãe, que era mulher da cidade, aqui no centro, como é que chama aquela avenida, no Brás?

WN – Rangel Pestana?

AC – É, na Avenida Rangel Pestana, tinham casa de móveis lá, meu tio tinha carro, casa, quando ele andava com o carrinho todo mundo ia atrás para espiar o carrinho dele, sabe, aquela baratinha que tem um lugarzinho atrás. Minha avó, mãe de minha mãe, tinha uma casa de turismo, de passar as férias, lá em Itatiba, e lá meu pai conheceu a minha mãe, porque a minha mãe foi lá e ficou na janela, naquele tempo as mulheres ficavam na janela, com os cabelos compridos assim, né?, e os homens ficavam apreciando os cabelos compridos das mulheres. Daí meu pai andava a cavalo e passava a cavalo lá e gostou dela e ninguém queria que ela casasse com ele, porque ele era um italiano analfabeto, pobre, roceiro, mas ela bateu o pé, né?, e casou com ele e depois foi morar na roça, sofreu o diabo e aí nascemos nós, os nove filhos dela Depois ela morreu de parto, porque naquele tempo não deu tempo de ir buscar o médico, era um médico chamado Dr. Pimenta, era muito difícil pra ir buscar, tinha que ser a cavalo. Quando ele chegou, minha mãe tinha morrido de hemorragia. Nós fomos criados pelo meu pai, ele arranjou uma bruta duma casona de madeira daquelas fazendas bem antigas, botou todos os filhos lá em cima, no primeiro andar, e embaixo morava vaca, cabra, cabrito. Então de noite eles subiam as escadas: galinhas, porcos, todos os animais subiam as escadas, andando por aquele bruta casarão, nem tinha móveis, só uns movezinhos insignificantes. As minhas irmãs punham meu irmãozinho, que era pequeno, que era meu irmão Mário, pra dormir, meu pai tava na roça trabalhando, davam até vinho pra ele não amolar, pra elas irem brincar. A gente fazia ninho da palha pra ficar dentro das árvores; não sei se você já brincou de ninho de palha, a gente fazia assim no interior, trepava nas árvores, ia passear no bosque, quer dizer, fui uma criança que vivi com muita liberdade, no verde, nas flores, nas grutas, junto com os animais, tive uma infância muito boa apesar de não ter mãe, foi uma infância muito assim, perto da natureza.

WN – Com que idade você estava quando sua mãe morreu?

AC – Eu ia fazer dois anos. Quando meu pai foi assassinado, lá no interior, fui internada no asilo do governo. Meu pai foi assassinado para defender um galo que era nosso. Um homem levou o galo, foi botar na rinha, e aí meu pai foi defender o galo e mataram ele (*sic*); foi aquela briga toda quando mataram meu pai, a gente ficou sem, ficou órfã e aí ninguém queria. Depois, as minhas tias, que estavam mais ou menos bem, não quiseram a gente, eram muitas crianças. Já pensou, com aquela falta que tinha antigamente? Aí a gente foi parar no asilo do governo e logo as crianças começaram a me bater; eu comecei a chorar, então o vigilante falou uma coisa que eu nunca esqueço: “Olha menina – eu ia fazer cinco anos – aqui você tem que se defender. Quando as outras meninas lhe batem, lhe puxam os cabelos, você tem que retribuir, não adianta ficar gritando e berrando que ninguém vai te acudir”. Então eu fui uma criança que sempre aprendi a me defender de tudo sozinha, né? Como hoje estou me defendendo da censura, do DOPS etc.

WN – Quanto tempo você ficou no asilo?

AC – Até fazer 18 anos.

WN – Lá dentro você estudou?

AC – Estudei primário, estudei piano, estudei flor, estudei corte e costura e já estava quase pra terminar o ginásio. Sou formada em lã e negócio de corte e costura, sei lá, no Liceu de Corte e Costura. Estudei tudo isso porque antigamente, no meu tempo de criança, a gente estudava artes domésticas. Não era assim como hoje, estudar pra sair de casa, pra trabalhar, etc. e tal. Então eu estudei essas coisas aí que eu falei, porque a diretora do asilo achava que a gente tinha que trabalhar em coisas de dentro de casa, que a gente ia casar, ia ter marido, ia ter que cuidar dos filhos. Mas as crianças eram muito maltratadas, tinha uma tamanha promiscuidade. Era tudo mentira que a Da. Leonor Mendes de Barros, o Ademar de Barros, cuidavam da gente, era só pra eles saírem no jornal. A gente passou as piores torturas do mundo e quase toda criança saía tuberculosa de lá, inclusive eu. Aí eu fui pro Sanatório Campos do Jordão, depois fui trabalhar como funcionária pública.

WN – Você ainda é funcionária pública?

AC – Eu vi tanto sofrimento no sanatório em que eu fui trabalhar, o do Mandaqui, os tuberculosos sofriam tanto, que eu renunciei ao meu cargo de funcionária pública.

WN – Quantos anos você ficou nisso?

AC – Cinco, vi muita coisa lá, achei que não aguentava. Um dia eu entrei no sanatório e as minhas pernas até bambearam quando eu vi um doente se enforcar. Todo dia tinha cinco ou seis cadáveres no necrotério e eu era obrigada a ir até lá pra descrever que tipo de

cadáveres havia; aquela estória toda. Uma vez entrei no necrotério e vi um mocinho que eu ajudava muito, sabe?, chamado Zezinho. Ele era um coitadinho, não tinha nem 17 anos, passava por uma porção de problemas, acho que era louco, sei lá, e ele se enforcou. Eu quis sair correndo do necrotério, gritando, mas as minhas pernas ficaram durinhas, pregadas no lugar. Eu comecei a berrar, a berrar, e um enfermeiro foi lá me acudir, mas eu não conseguia andar, não sei o que foi. Depois me disseram que era o espírito dele que me pegou, sei lá, sabe?, eu senti as pernas pesadas. Aí eu falei: sabe duma coisa, o negócio é renunciar a esse negócio, porque, já pensou ver todas aquelas misérias?, chegava em casa deprimida, não comia, não sentia mais, não via mais azul, não via mais o sol, nem a beleza das árvores, não conseguia ver nada. Só conseguia ver aquelas imagens horríveis dentro da minha mente. Aí eu larguei o meu cargo e fui ser pintora, porque eu sou pintora, né, de quadros a óleo, mas eu sou assim, autodidata, né?

WN – Você vende seus quadros?

AC – Bom, fiquei dois anos pintando e vendendo quadros.

WN – Dava pra sobreviver?

AC – Deu pra sobreviver, porque eu procurava meus amigos milionários. Eu chegava lá, batia na porta, os quadros embaixo do braço, contava estórias que já estava passando fome, e era verdade, né?, aí eles compravam, o Jafet, o Olavo Fontoura, o Matarazzo.

WN – Como é que você ficou amiga desse pessoal?

AC – O Olavo Fontoura eu conheci num avião. Depois eu arranjei um rapaz que era doente lá em Campos do Jordão junto comigo, e esse rapaz era rico, a gente uniu os trapinhos, sabe?, a gente ficou assim, ele ficou me sustentando porque eu já não era mais funcionária pública, mas sem nada, né? Ele começou a me ajudar, aí eu fiquei no Rio de Janeiro um tempo e foi quando eu conheci o Olavo Fontoura no avião. O Olavo Fontoura me apresentou um monte de gente da alta sociedade, pra eu vender meus quadros, me comprou tinta, me comprou tela, me comprou cavalete, tinta inglesa, me mandava caixas de tinta, então eu estava na melhor, né? Fiquei satisfeita, pintava uns quadros bacanas. Tudo o que eu sentia dentro de mim, no espírito, eu levava pra tela, mas aí começou a me dar alergia pela tinta, por causa do fígado, sei lá se era a tinta inglesa que me dava alergia, ficava três, quatro dias sem enxergar. Aí o médico proibiu, então eu fiquei só com esse rapaz. Ele me organizou um apartamento, mobiliou tudo direitinho, aí fui morar com ele. Acontece que não dava pra viver daquele jeito, com horário, sem liberdade, porque ele morava no Rio, eu morava em São Paulo, então a gente não era nem casada, nem solteira, nem nada. Ele resolveu casar e eu não quis, porque já achava que a liberdade valia muito mais do que o casamento. Ele foi num

cartório aqui em São Paulo, deixou a carteira de identidade, os papéis todos assinados, e disse que era pra eu ir dar andamento nos papéis, com duas testemunhas; ele foi embora pro Amazonas. Bem, eu não tive coragem de dar andamento nos papéis pra casar, mas sei que mulher casada a sociedade aceita diferente. Achei que a minha liberdade valia muito mais que o casamento, porque eu sei que, casada, eu teria que seguir, que obedecer ao marido, né? Ele não ia querer que eu fizesse muitas coisas. Eu tinha que obedecer, porque tenho a mentalidade assim, casada é casada, nunca teria pensamento de trair o marido ou coisa que o valha, então eu preferi não casar. Resolvi fazer, então, um diário de quando eu estava no Mandaqui, que eu vi todas aquelas misérias, contando o caso de um governador de São Paulo.

WN – Você se inspirou num certo governador, não é?

AC – É, num governador de São Paulo. Não é bom botar o nome, não, porque hoje em dia está tudo tão assim; depois da revolução, a gente não pode falar nada que os caras já querem processar a gente. Chega de processos, eu já estou cheia de processos. Quando o Jânio Quadros renunciou à Presidência da República, ele entrou pra ser candidato outra vez e uns jornalistas quiseram comprar o meu diário, me davam um dinheirão por ele. Esse diário que eu tinha é que é o livro “Eu e o Governador”. Eu não quis vender pra sair assim em jornal pra não ser envolvida em política. O Jânio Quadros, o Carvalho Pinto e o José Bonifácio eram candidatos a governador do estado e eu não quis envolver o que eu achava que era um problema gravíssimo social para ganhar dinheiro. O jornalista que leu os primeiros capítulos disse: “Adelaide, você é um grande libelo, uma grande acusação, é uma coisa que o governo devia de tomar providência”. Então a gente lançou “Eu e o Governador”, contando todas aquelas misérias de dentro dos sanatórios.

WN – Por que “Eu e o Governador”? Você é uma das personagens do livro?

AC – É, eu era a personagem, eu gostei do governador, fiquei assim atrás dele, feito uma ignorante, sabe? É criancice, um daqueles amores que a gente tinha de novela, aqueles amores de romance.

WN – E ele?

AC – O governador é escondido, é segredo, não posso contar. Se não você não vai vender nem tua (*sic*) revista, te prendem a revista. Então, o governador fica embutido. Mas eu amei o governador, ajoelhei aos pés dele, pedi pelo amor de Deus pra ele me amar, aquela coisa, né?

WN – Quantos anos você tinha na época?

AC – Eu tinha uns 22 anos; não é 22 anos de hoje, não, porque antigamente 22 anos eram 22 anos, a gente era romântica. Hoje em dia, 22 anos é velha, porque a mocidade agora

já começa a viver muito com 12, 13 anos, já sabem tudo, já querem tudo, já se pintam, já saem pras buates (*sic*), já aumentam a idade. Então as pessoas são assim, né, e no meu tempo não, no meu tempo a gente era tão romântica...

WN – Você acabou casando?

AC – Não casei não, não quis casar. Depois tive mais três noivos, mas eu nunca quis me casar.

WN – Você tem filho?

AC – Só de criação. Eu nunca quis meus filhos, porque sempre que eu ficava grávida eu tinha problemas de instabilidade. Então eu não ia botar um filho no mundo pra andar atrás de mim e já sofrer. Toda vez que eu ficava grávida eu procurava dar um jeitinho assim pra eu não ter o filho, você entende? Não deixava crescer muito. Eu não queria que outra vida se arrastasse nas minhas amarguras. Dizem que mãe é mãe, não faz isso, mãe trabalha, se sacrifica pelo filho, mas eu não acho que se sacrificar pelo filho é ser mãe; eu acho que ser mãe é não deixar o filho sofrer assim, já botar no mundo sabendo que vai sofrer, porque depois a gente tem que se sacrificar, aí ele tem trauma. Por isso estou criando este meu filho que está com nove anos, criei uma menina que já casou, parece que está morando na França, foi embora, desapareceu nesse mundão.

WN – E você criou essa moça por quê?

AC – Criei ela (*sic*) 12 anos, peguei num asilo, criei uma menina de cor, depois se envolveu com uns *hippies*, quis ter liberdade demasiada, casou com um uruguaio e foi ter a vida dela.

WN – E você não tem mágoa disso?

AC – Não, não tenho mágoa não, porque ela sempre precisou de mim assim como manutenção, né?, material e espiritual. A mentalidade dela era de liberdade. Já esse menino de nove anos que eu estou criando é uma coisa inteligente, ouviu? Ele sabe tudo, é uma coisa do outro mundo, então um menino da idade dele sabe hoje mais do que sabia um homem de 40 anos no meu tempo. Eu não casei, não tive filhos por isso, porque eu nunca tive uma vida estável. Agora, o marido que eu pretendi uma vez me deu um enxoval superbacana, esta aliança de brilhantes, tudo. Ele era formado em Ciências e Letras, rapaz também que foi doente e eu conheci no sanatório, agora ele casou com a filha do governador lá do Paraná, Santa Catarina.

WN – Você vive com mais alguém?

AC – Eu vivo com minha empregada, com meu sobrinho, que é esse menino que eu estou criando, com meus sete cachorros e com meus três gatos.

WN – Sete cachorros e três gatos?

AC – Sete cachorros e três gatos e todo mundo que vem pra pedir pouso. Agora mesmo criei um nenezinho (*sic*) de um até oito meses. Quando ela estava bem grandinha, com bastante saúde, eu arrumei onde mandar a menininha, onde ficar, entende? Então eu já criei muita criança, passa muita gente pela minha vida. E depois eu organizei a vida de mais ou menos seis crianças, no tempo em que meus livros não estavam proibidos, eu vendia muito bem, cuidava delas em Campos do Jordão. Vestia, dava remédio, alimentação. Tem mais outras quatro aqui em São Paulo que eu ajudava, agora não ajudo mais porque não tenho dinheiro.

WN – Você mora onde?

AC – Na Vila Guilherme, numa casa alugada, pago Cr\$ 2300,00 por mês.

WN – Mas tem propriedades?

AC – Não, agora não tenho mais, porque eu tinha uma casa em Campos do Jordão e um apartamento na Consolação, mas no fim de 75 ou começo de 76 eu vendi pra sobreviver. Já pensou, todos os livros apreendidos e você sem ideia de escrever, sem poder escrever?

WN – Por que seus livros foram apreendidos?

AC – Porque a censura acha que são contra os bons costumes, são imorais.

WN – E você o que acha?

AC – Eu acho que são livros reais, que contam uma verdade, são livros que o povo aceita, que o povo não é besta, não quer saber mais de estorinhas. Você vê, esses filmes que passam são bem eróticos e a Censura deixa, sei lá, comigo acho que é perseguição.

WN – Quantos livros você já vendeu?

AC – O que mais vendeu foi “Eu e o Governador”, porque foi o primeiro e está vendendo até hoje, parece que está na 12ª edição, agora está esgotado outra vez.

WN – São cinco mil por edição?

AC – Cinco, sete, dez, o editor que resolve.

WN – Você não tem ideia do que vendeu do primeiro?

AC – Vendi uns 400 mil já.

WN – Do “Eu e o Governador”?

AC - Do “Eu e o Governador”. Só que ele começou baratinho, Cr\$ 3,00, Cr\$ 7,00.

WN – E hoje, quanto está custando?

AC – Acho que Cr\$ 50,00, não estou bem a par.

WN – E os outros livros?

AC – O que mais vendeu, bateu um recorde, foi “De Prostituta a Primeira-Dama”. O editor fez 10 mil, vendeu em dois dias. A Censura foi lá e pegou toda a nova edição no terceiro dia.

WN – Quantos exemplares ele vendeu até hoje?

AC – Só aquela edição, aqueles 10 mil.

WN – Dois dias, 10 mil exemplares. Está bom.

AC – Agora, “Eu e o Governador” ficou em 1º lugar; passou “Gabriela, Cravo e Canela” e o “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus. Esteve em 1º lugar 15 meses.

WN – Em que lista?

AC – Do Brasil todinho. Antigamente faziam lista, uma lista que não era paga, né? Porque agora a turma fala assim: *meu livro está em 1º lugar*, mas o editor pagou pro jornalista botar em 1º lugar.

WN – Todos os seus livros têm mais de uma edição?

AC – Todos, todos.

WN – E você não tem ideia de quantos livros vendeu no total?

AC – Não.

WN – Já vendeu uns dois milhões de exemplares?

AC – Mais. “Submundo da Sociedade” foi um livro que a editora fez 13 mil exemplares e vendeu num mês. Agora, “A Verdadeira Estória de um Assassino” é o livro que o público mais analisa; não sei se é o que mais gosta. Recebemos muitas cartas de estudantes de psicologia sobre “Mãe Solteira” e sobre “A Verdadeira Estória de um Assassino”, principalmente porque a característica do povo, hoje, é a violência. Ele gosta de violência, sangue, essas coisas fortes. O livro é a estória de um assassino que contou porque ele deflorou e matou uma menina de 15 anos e arrumou mais dois capangas para ajudar a matar. E matou mais umas 10 pessoas por aí.

WN – Está na hora de perguntar o que você entende por Literatura.

AC – Depende, né? Vamos supor, você pega uma pedra, analisa aquela e faz aquela literatura falando do que acontece com aquela pedra, que é cinzenta, que tem uns buraquinhos assim, que rola, que rebrilha diante do sol, que desaparece com a luz da noite e que, de manhã, toma outras formas. Vai clareando o dia, as estrelas vão sumindo no céu, então, ela vai tomando aquela forma, quer dizer, então você fala muita coisa e floreia, como um livro que eu gosto muito de ler, do Oscar Wilde, “O Retrato de Dorian Gray”. Eu gostaria de escrever como ele; ele pega uma cadeira e diz que a cor é nevoenta, que é toda feita de veludo, bordada

com florezinhas rococós, com a asinha do anjo assim, quer dizer, ele explica uma cadeira. Então você tem cinco páginas, seis páginas pra cadeira que ele descreve.

WN – E disso que você gosta?

AC – Não, eu acho que literatura assim, analisando uma flor, é a literatura clássica.

WN – E a atual?

AC – Agora, a atual, a minha literatura é atual, é assim como você vê um livro clássico? Não. [É] um quadro de Renoir, de Gauguin, de Rafael, de Klee, sei lá, de um monte dos grandes pintores, de Rubens? Você vê um quadro, principalmente de Renoir, ele pinta então o vestido da menina de organdi... é lindo, parece um organdi de verdade. Então tem aqueles desenhos na rendinha, é um espetáculo. Então parece que é uma fazenda que está na vitrine; é um quadro clássico. Você vê a menina perfeita, os dentinhos, os olhos, tudo. Depois você pega um quadro do Portinari ou, sei lá, um outro quadro assim, de impressionista. Então você já vê que é assim um quadro que você ainda vai adivinhar o que é, né? Então, a Literatura é assim: o livro clássico é o quadro impressionista e o livro moderno, uma coisa bem diferente, porque você mostra os mínimos detalhes da coisa sem florear. O cara chega e fala assim: “*Pô, estou de férias, vou pra onde? Ah, vou escolher Cabo Frio, pra ver esse caso do crime, a mulher da sociedade, Ângela Diniz, foi assassinada.*” Pô, mas a Ângela Diniz ergueu uma vez a mão de um outro amante para matar um negro. Então é isso aí, tou achando que levantou a mão pra armar; mandou um amante dela pegar um revólver, matar um negro inocente. Então, ela tá levando agora o que merecia. Coisas assim, você entende? Então é assim, contando cara a cara a verdade do sexo, como acontece com “Mãe Solteira”, por exemplo. Tem um jornalista, que é cronista social do estado de Goiás, que disse: “*nunca vi tamanha falta de gosto do que esse livro ‘Mãe Solteira’*”. Eu também acho que é falta de gosto. Tudo o que é mau assim arrepiava a gente, tudo que aterra, que assusta. Porque uma mãe solteira, que tem um filho, hoje em dia, que vai no hospital, dá um pacote de jornal e dentro tá o filho morto é um mau gosto, né? Mas acontece que o mau gosto é do governo, da sociedade que não cuida dessas pessoas que têm necessidade de amparo material, não é mesmo?

WN – Está bem, agora diga como foi que você chegou a escrever, que livros leu?

AC – Eu nem sabia que ia ser escritora, porque eu nunca procurei ser escritora. Eu pego um problema social, por exemplo, a injustiça que há dentro do Brasil com o negro – um negro foi proibido de ser médico num sanatório – ou uma menina que foi filha de gente pobre, que um milionário engordou e vendeu, quebrou os braços, fez a menina tuberculosa, e, pronto, boto no livro.

WN – Então a sua é uma literatura de denúncia?

AC – É denúncia, literatura de denúncia, literatura verdadeira. Na hora em que eu escrevo eu procuro os casos. Tem muita gente que grava pra mim o caso que eu boto no livro, né? Conta: “aconteceu isso comigo, aconteceu aquilo, eu fui necessitada”, daí eu escrevo.

WN – Você nunca imagina uma história sem se inspirar numa experiência concreta?

AC – Não, estória inventada é muito difícil, sei lá, acho que eu poderia escrever ficção, mas ficção é uma coisa que eu não tenho jeito pra escrever, não. Eu vou buscar o quê pra escrever? Os outros já usaram tudo.

WN – Se o que você faz não é ficção, como pode ser classificado o seu trabalho? Como uma espécie de jornalismo?

AC – Os meus livros são reais, verdadeiros; é a verdade nua e crua. Acho que nem é literatura o que eu escrevo. É contar os problemas sociais. Muitos críticos falam assim: “*pô, ela nem escreve, ela fala umas besteiras, conta uns casos*”, então essas pessoas sabem que são reais, como o Ibrahim Sued, que meteu o pau em mim quando eu fui lançar “Eu e o Governador”. O Ibrahim sabe que é verdade, que ele mesmo tá passando agora, que do crime lá de Cabro Frio ele foi proibido mesmo de falar. Ele também botou assim às claras que o Chiquinho Scarpa duvidou da virgindade da Carolina de Mônaco. O Ibrahim se divertiu com aquilo. Então, ele se divertia com um problema que ele estava sabendo que o Chiquinho poderia sair mal. Pra você ver a moral da alta sociedade, daí é isso que eu escrevo, a imoralidade da alta sociedade. O operariado, a baixa sociedade, não tem isso. E a classe média tem moral mais elevada do que a alta sociedade, porque não é escondida. De um modo geral, eu acho que a classe média tem mais moral porque não conhece outras coisas, não conhece a vida assim da sociedade da Europa.

WN – Você não pode ser acusada de esquerdista, por criticar a alta sociedade?

AC – Já acusaram, porque eu, mostrando esses problemas, fui muitas vezes envolvida. A polícia já me pegou muitas vezes pensando que eu era comunista. Eu provei que não era comunista porque nem sei o que é comunismo, nunca me envolvi, não me interessa me envolver com esses problemas de esquerda. A revolução tá legal, o presidente tá trabalhando pra gente, né? A gasolina tá faltando em todo o mundo mesmo, não é só aqui no Brasil, quer dizer, o presidente não é culpado, nem o Brasil, é a vida, eu acho que a vida mesmo é que é assim. Também não foi ele [o presidente] que fez o Brasil; o Brasil tinha que ter começado de outra maneira, não começou. Eu estou muito satisfeita com o que a gente tem, porque eu não sou muito ambiciosa, né? Então, eu acho assim: já fui tachada de esquerdista, de comunista, já fui presa muitas vezes, já fiquei no DOPS, sentada, esquentando cadeira horas e horas, sofri

pressões, revistaram meus apartamentos pra ver se tinha panfleto comunista. Depois da revolução, os generais acabaram dizendo o seguinte: “*Adelaide Carraro descobre o que nós estamos tentando resolver, que é o bem-estar social.*” Quer dizer que é uma glória, né?

WN – Se eles pensam assim, por que seus livros continuam sendo proibidos?

AC – Porque agora a censura acha que os meus livros são problemas, são contra os bons costumes do Brasil, né, eróticos, mas eu acho que é uma fase que depois vai ser superada, porque eles vão ver que é a época, você não pode esconder o sexo, né? O censor lá, o chefe da Censura, o Rogério Nunes, diz: “*Pô, Adelaide, camufla um pouco, esconde um pouco, você abre muito as coisas*”. Eu falei: *vou tentar fazer, né, camuflado*. Eu to tentando nos “Amantes”. “Os Amantes”, esse livro que eu estou pondo agora, estou tentando não ser muito realista. Vamos ver como é que o povo vai aceitar, né, mas acho que está aceitando bem, porque “Os Amantes” já está quase esgotado.

WN – Portanto, você vive de direitos autorais?

AC – Atualmente, só estou vivendo de direitos autorais. Quando eu fiquei numa situação ruim, fui pedir serviço pro Sílvio Santos. Ele me deu, mas depois...

WN – No programa dele de auditório?

AC – É, eu trabalhava como repórter dele, mas aí a turma de Sílvio começou a me perseguir.

WN – Quanto você ganhava lá?

AC – Um milhão e duzentos.

WN – Em que época?

AC – 1972. Fiquei quase três anos trabalhando para ele. Quer dizer, ele foi legal, porque me ajudou, mas agora estou com este problema de operação. Aconteceu um desastre quando eu estava trabalhando pra ele e ele não quer me pagar a operação, então isso tá me prejudicando tremendamente, porque eu não posso escrever, né?

WN – E no braço?

AC – Quebrei a clavícula, a omoplata e quatro costelas.

WN – Nossa!

AC – Foi no carro da equipe; não era carro da equipe, era serviço pra equipe, era o carro que eu estava pagando à prestação. O Sílvio Santos era um cara legal, até receber a TV. Depois que ele recebeu a TV, ele mudou completamente, está muito exclusivista, passou a ser mais egoísta. Antigamente ele me dava ao menos remédios, sabe? Ele falava: “*compra remédio na farmácia e bota na minha conta*”. Então eu comprava, fazia fisioterapia. Depois, você sabe como é dentro das televisões, é aquele um querer matar o outro. O Luciano

Calegari é chefe lá do Sílvio Santos; eles só faziam caluniar a gente pro Sílvio, por isso ele cortou o tratamento do meu braço, a fisioterapia, os remédios da farmácia e não quis pagar mais nada. Por isso fui na Justiça, passei por essas coisas todas, escrevi um livro contando os problemas de dentro da televisão, “Eu Acuso”, que é sobre o Sílvio Santos. Ele quase morreu de ódio, obrigou meu editor a devolver o livro. O Luciano falou assim: “*Pô, Sílvio, se a Adelaide escrever esse livro minha mulher vai pedir divórcio.*” Ele estava com medo de que eu fosse contar os podres dele, né? Então, o Sílvio Santos ficou meu inimigo, ele era legal pra mim, depois, achou que eu cuspi no prato que eu comi, mas não é nada disso, não.